



**FACULDADE DE TEOLOGIA, FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS GAMALIEL –  
FATEFIG  
CENTRO EDUCACIONAL E CULTURAL DA AMAZÔNIA  
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM**

**BEATRIZ FERREIRA DA SILVA  
LISANDRA VIANA PINTO**

**A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM PRESTADA A CRIANÇA COM AUTISMO:  
REVISÃO INTEGRATIVA**

**TUCURUÍ – PA  
2021**

BEATRIZ FERREIRA DA SILVA  
LISANDRA VIANA PINTO

**A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM PRESTADA A CRIANÇA COM AUTISMO:  
REVISÃO INTEGRATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação  
apresentado a Faculdade de Teologia, Filosofia e  
Ciências Humanas Gamaliel, como requisito parcial para  
obtenção de grau de bacharel em Enfermagem.  
Orientadora: Profa. Me. Bruna Paiva do Carmo Mercedes.

TUCURUÍ – PA  
2021

BEATRIZ FERREIRA DA SILVA  
LISANDRA VIANA PINTO

**A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM PRESTADA A CRIANÇA COM AUTISMO:  
REVISÃO INTEGRATIVA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação  
apresentado a Faculdade de Teologia, Filosofia e  
Ciências Humanas Gamaliel, como requisito parcial para  
obtenção de grau de bacharel em Enfermagem.  
Orientadora: Profa. Me. Bruna Paiva do Carmo Mercedes

Data de aprovação: 14/12/2021

Conceito: 10

Banca Examinadora:

\_\_\_\_\_ - Orientadora  
Profa. Me. Bruna Paiva do Carmo Mercedes  
Faculdade de Teologia, Filosofia e Ciências Humanas Gamaliel

\_\_\_\_\_ - Examinadora  
Profa. Esp. Amanda Ouriques de Gouveia  
Faculdade de Teologia, Filosofia e Ciências Humanas Gamaliel

\_\_\_\_\_ - Examinadora  
Profa. Esp. Taynara Fidelis dos Reis Silveira  
Faculdade de Teologia, Filosofia e Ciências Humanas Gamaliel

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora de Nazaré, por me sustentarem durante essa jornada e concederem força necessária para concluí-la.

A toda minha família, em especial aos meus pais Vanda Maria e Nilton Ferreira, por serem meu porto seguro com quem sempre poderei contar, por acreditarem no meu potencial e prestarem tanto apoio. A vocês todo meu amor e gratidão.

Ao meu marido Anthony Veiga, por me ensinar a dar um passo de cada vez e não perder o foco, compartilhando os melhores e piores momentos desse percurso.

A minha parceira de TCC Lisandra Viana, pela nossa caminhada, pela paciência e companheirismo no processo acadêmico e na vida.

A minha orientadora de TCC, Bruna Paiva do Carmo Mercedes, pela sua mente brilhante, seu modo excepcional de ensinar, sua dedicação por esse trabalho e contribuição para minha formação profissional.

A todos meus professores do curso de Enfermagem, agradeço pelo talento e empenho em ensinar.

A todos os meus amigos, agradeço por cada marca que deixarem em minha vida e por todos os momentos inesquecíveis.

**Beatriz Ferreira da Silva**

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço a Deus e a Nossa Senhora de Nazaré, por me sustentarem em momentos difíceis, mas também por me permitir viver conquistas e felicidades insubstituíveis.

A minha família, em especial a minha mãe Sandra Viana, por me amarem às suas maneiras, ofertarem o essencial para conduzir uma vida sabiamente e serem meu ponto de apoio.

Ao meu namorado e amigo Lucas Soares que é continuamente gentil e paciente, que sempre se faz presente nos piores e melhores momentos, me ajudando e incentivando, sendo cuidadoso e me fazendo viver coisas inesquecíveis.

A minha parceira de TCC Beatriz Ferreira, que nunca deixou de me estender a mão, apoiar e aconselhar em diversas situações.

A minha orientadora de TCC, Bruna Paiva do Carmo Mercedes, que sempre disponibilizou as melhores orientações e ensinamentos para vida profissional, sendo um exemplo de profissional capacitada.

A todos os meus amigos que compartilharam suas vidas comigo ao longo dessa jornada e que sempre terão um lugar especial na minha vida.

A todos os professores da instituição que deixaram sua marca na construção da minha vida profissional.

**Lisandra Viana Pinto**

“As crianças especiais, assim como as aves, são diferentes em seus voos. Todas, no entanto, são iguais em seu direito de voar”.

Jesica Del Carmen Perez

## RESUMO

O objetivo do estudo é compreender a atuação do enfermeiro no atendimento às crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA). O método baseia-se em revisão integrativa da literatura, onde foi realizada a busca nas plataformas do Google Acadêmico e nas bases de dados indexadas na BVS, tendo como descritores em saúde, interligados pelos operadores booleanos “AND” e “OR”, para BVS: Criança AND “Transtorno Autístico” OR “Transtorno do Espectro Autista” AND “Cuidados de Enfermagem”, e para o Google Acadêmico: Criança AND “Transtorno do Espectro Autista” AND “Cuidados de Enfermagem”. Tal estratégia resultou em 2 categorias: 1- Desafios enfrentados pela enfermagem na condução do TEA, 2- O papel da enfermagem frente ao paciente autista e sua família. A pesquisa permitiu identificar a presença de desafios e dificuldades enfrentadas pela equipe de enfermagem no manejo ao paciente com autismo, em decorrência do despreparo, falta de capacitação, preconceito, carência de políticas públicas, desconhecimento acerca do espectro autista e de métodos adequados para sua terapêutica. Observou-se, também, que dentre as funções do enfermeiro no atendimento ao TEA, destacam-se a promoção da independência e autonomia, acompanhamento do tratamento, criação de estratégias para melhorar as alterações no quadro clínico, atuação multiprofissional, orientações ao paciente, familiares e sociedade.

**Palavras-chave:** Autismo; Enfermagem; Cuidados de Enfermagem; Criança.

## ABSTRACT

The aim of the study is to understand the role of nurses in caring for children with Autistic Spectrum Disorder (ASD). The method is based on an integrative literature review, where the search was performed on the Google Scholar platforms and on the databases indexed in the VHL, with health descriptors, interconnected by the Boolean operators "AND" and "OR", for VHL: Child AND "Autistic Disorder" OR "Autistic Spectrum Disorder" AND "Nursing Care", and for Academic Google: Child AND "Autistic Spectrum Disorder" AND "Nursing Care". This strategy resulted in 2 categories: 1- Challenges faced by nursing in conducting the ASD, 2- The role of nursing towards autistic patients and their families. The research allowed us to identify the presence of challenges and difficulties faced by the nursing staff in the management of patients with autism, as a result of unpreparedness, lack of training, prejudice, lack of public policies, lack of knowledge about the autistic spectrum and adequate methods for its treatment. It was also observed that among the functions of the nurse in the care of the ASD, the promotion of independence and autonomy, monitoring of the treatment, creation of strategies to improve changes in the clinical picture, multidisciplinary work, guidance to the patient, family members stand out. and society.

**Keywords:** Autism; Nursing; Nursing Care; Kid.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>10</b>
1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA.....	10
1.2 JUSTIFICATIVA .....	11
1.3 OBJETIVOS.....	12
<b>1.3.1 Objetivo Geral</b> .....	<b>12</b>
<b>1.3.2 Objetivos Específicos</b> .....	<b>12</b>
<b>2. REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	<b>13</b>
2.1 O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA.....	13
2.2 O AUTISMO NO BRASIL .....	13
2.3 ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE COM TEA.....	14
<b>3. MATERIAIS E MÉTODOS</b> .....	<b>17</b>
3.1 IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA.....	17
3.2 PESQUISA NA LITERATURA CIENTÍFICA .....	18
3.3 CATEGORIZAÇÃO DOS ESTUDOS.....	18
3.4 AVALIAÇÃO DOS ESTUDOS INCLUÍDOS NA REVISÃO INTEGRATIVA.....	19
3.5 INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS .....	19
3.6 SÍNTESE DO CONHECIMENTO EVIDENCIADO NOS ARTIGOS ANALISADOS .....	19
3.7 QUESTÕES ÉTICAS .....	20
<b>4. RESULTADOS</b> .....	<b>21</b>
<b>5. DISCUSSÃO</b> .....	<b>25</b>
5.1 DESAFIOS ENFRENTADOS PELA ENFERMAGEM NA CONDUÇÃO DO TEA: 25	
5.2 O PAPEL DA ENFERMAGEM FRENTE AO PACIENTE AUTISTA E SUA FAMÍLIA.....	27
<b>6. CONCLUSÃO</b> .....	<b>29</b>
<b>7. CRONOGRAMA</b> .....	<b>30</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>31</b>
<b>ANEXO A – CARTA DE ACEITE DO ORIENTADOR</b> .....	<b>36</b>

## 1. INTRODUÇÃO

### 1.1 DELIMITAÇÃO DO TEMA

A genética é a especialidade da biologia que estuda os genes, a hereditariedade, as expressões, as variações de cada organismo, o modo de transmissão das informações e as consequências das alterações genéticas nesse percurso. Atualmente, há uma ideia errônea com relação as patologias genéticas e seus mecanismos, dificultando seu diagnóstico e tratamento, sendo possível citar o Transtorno do Espectro do Autista (TEA), o qual é um distúrbio com etiologia multidisciplinar que envolve fatores ambientais e genéticos (VILANOVA, 2016).

O conceito inicial de autismo como um aspecto clínico foi evidenciado em 1943, quando Leo Kanner, médico austríaco atuante no Hospital Johns Hopkins, organizou a análise de um conjunto de crianças na faixa etária de 2 a 8 anos, denominando seus transtornos de “distúrbio autístico de contato afetivo”, apesar de a noção sobre “autismo” já ter sido abordada na psiquiatria por Plouller (1906), como característica descritiva para o quadro de isolamento (CAMARGOS JUNIOR et al., 2005). A evidência das alterações observadas por Kanner facilitou a diferenciação entre autismo e esquizofrenia ou psicoses, sendo imprescindível para embasar a Psiquiatria da Infância nos Estados Unidos e no mundo (NEUMÄRKER, 2003).

O transtorno do espectro autista (TEA) é definido como uma complicada síndrome comportamental, que afeta, sobretudo, o desenvolvimento afetivo e sociocomunicativo, bem como há a presença de condutas estereotipadas e restritas a interesses e atividades. Não obstante, é um quadro de início precoce, geralmente é perceptível aos três anos, e antes disso, há uma dificuldade para realizar o diagnóstico, podendo ainda ser observado pela família por meio da convivência, um desenvolvimento anormal (SILVA et al., 2021).

A pesquisa de Christensen et al. (2016), evidencia o aumento no quantitativo de casos do TEA entre os anos de 2014 a 2016. No que se refere ao índice de autismo, destaca-se a predominância de 1 para cada 54 crianças, atingido 4,3 vezes mais meninos do que meninas (MAENNER et al., 2020).

Embora tenha ocorrido o aumento no índice de indivíduos com TEA, nota-se a forte presença de estigma, discriminações e violações dos direitos humanos destinados a essas pessoas. Nesse sentido, a fim de disponibilizar uma efetiva

qualidade de vida, prevenir e combater o preconceito e a discriminação aos sujeitos com autismo, foi sancionada a Lei nº 12.764/2012 (Lei Berenice Piana), a qual instituiu a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista, resultando na efetuação de práticas, como: viver com dignidade, diagnóstico precoce, assistência multidisciplinar, acompanhamento nutricional, medicamentos adequados, integridade física, psicológica, moral e proteção contra abusos e violências (BRASIL, 2012).

Nesse contexto, torna-se essencial que a enfermagem apresente uma base teórica relevante para o atendimento ao paciente autista, contribuindo para o suporte das famílias ou cuidadores, a fim de evitar a sobrecarga emocional, o que dificulta a realização da assistência a esse público (MONTEIRO et al. 2008; FRANZOI et al., 2016). De modo geral, todo o ambiente familiar é afetado no convívio com alguém que possui TEA, por isso, o enfermeiro deve prestar total apoio e acompanhamento a esses indivíduos (TABAQUIM et al., 2015).

As pesquisas científicas ofertam uma variedade de conhecimentos ao profissional de enfermagem sobre o TEA, favorecendo a construção de uma visão crítica, reflexiva e humanizada, para atuar com segurança, autonomia e efetuar intervenções aliadas a equipe multiprofissional, formada por psicólogos, fonoaudiólogos, terapeutas ocupacionais, psicopedagogos, nutricionistas, médicos e outros, a fim de prestar o diagnóstico precoce e reduzir as consequências clínicas desse quadro. Logo, no intuito de beneficiar o paciente, a enfermagem deve realizar um cuidado com enfoques educacionais e assistenciais, sempre mantendo ações estabelecidas por embasamentos científicos, o que resulta em melhorias no processo do cuidado prestado pela equipe de enfermagem (SENA et al., 2015).

## 1.2 JUSTIFICATIVA

Tendo observado, por meio do campo prático de atuação, o quantitativo reduzido de atendimentos aos pacientes com TEA, por parte da equipe de enfermagem, em especial pelo profissional enfermeiro, que na maioria das vezes não possui capacitação específica para lidar com essa clientela, e assim direcionar o cuidado a ser prestado a esses indivíduos, além da notória carência de estudos atualizados sobre a temática, justifica-se a elaboração dessa pesquisa.

O estudo apresenta ainda, relevância não só para o meio social, por ser uma fonte de conhecimento atualizada sobre a temática e um possível incentivo para a elaboração de pesquisas futuras, como também poderá contribuir para o campo prático de atuação do profissional de enfermagem, ao abordar métodos e experiências já vivenciadas e publicadas por outros autores e para o âmbito acadêmico, por instruir acerca do manejo adequado dos pacientes com TEA.

### 1.3 OBJETIVOS

#### 1.3.1 Objetivo Geral

- Compreender a atuação do enfermeiro no atendimento às crianças com Transtorno do Espectro Autista (TEA).

#### 1.3.2 Objetivos Específicos

- Detectar os obstáculos e dificuldades enfrentados pelo enfermeiro no cuidado a criança com TEA e seus familiares;
- Verificar as ações de enfermagem na atenção básica, destinada a indivíduos com autismo;
- Identificar a importância da atuação da enfermagem aliada a equipe multiprofissional no atendimento ao paciente com TEA.

## 2. REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

O TEA está associado às alterações neurológicas e é expresso como um transtorno que afeta diversos campos do desenvolvimento da criança, apesar de não haver uma etiologia comprovada. Todavia, a principal hipótese está relacionada com a região neurológica, por ter sido detectadas alterações em áreas cerebrais, como o cerebelo, a amígdala, o hipocampo e outros, o que sugere um desempenho anormal do cérebro em autistas (GARCIA; MOSQUERA, 2011). Com o avanço teórico a partir desta suposição, confirma-se que há não só a presença de um retardo no desenvolvimento maturacional do cérebro, como também uma redução nas células de *purkinje* em crianças que possuem o espectro autístico (GADIA; TUCHMA; ROTTA, 2004).

Os sinais e sintomas do TEA manifestam-se de formas variadas nos primeiros anos de vida da criança, sendo possível citar: dificuldades com mudanças na rotina, a falta de medo quanto perigos reais, aparente insensibilidade à dor, obsessividade por objetos, choro e a angústia sem motivos aparentes, perfeccionismo, traços faciais inapropriados, dificuldades na comunicação não verbal e verbal usadas para interação social, ausência de reciprocidade social, inabilidade para construir e manter relacionamentos necessários para o estágio de desenvolvimento, ecolalia, afasia, modo incomum de equilibrar o corpo, intensa passividade ou hiperatividade física relevante, coordenação motora irregular (BRASIL, 2014).

### 2.2 O AUTISMO NO BRASIL

No Brasil, por diversos fatores, os serviços governamentais designados ao atendimento de indivíduos com TEA foram desenvolvidos tardiamente. Até a criação de uma política pública no início do século XXI, destinada a saúde mental de crianças e adolescentes, estes pacientes eram assistidos somente por instituições filantrópicas ou não governamentais, como a Associação Pestalozzi, a Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) ou as entidades assistenciais criadas por familiares de autistas (OLIVEIRA et al., 2017).

Com relação às legislações que incentivam o acolhimento de indivíduos com autismo, na sociedade, é possível destacar: a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que “[...] disciplina a educação escolar, que se desenvolve, predominantemente, por meio do ensino, em instituições próprias” (BRASIL, 1996); a Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001, que “[...] institui as Diretrizes Nacionais para a educação de alunos que apresentem necessidades educacionais especiais, na Educação Básica, em todas as suas etapas e modalidades” (BRASIL, 2001); a Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva “que acompanha os avanços do conhecimento e das lutas sociais, visando constituir políticas públicas promotoras de uma educação de qualidade para todos os alunos” (BRASIL, 2008).

Em consonância aos dados anteriores, destaca-se, também, a Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012, que “institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista e estabelece diretrizes para sua consecução” (BRASIL, 2012); e a Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015, que “institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência)”, a qual busca garantir igualdade, liberdade, inclusão social e da cidadania, além de assegurar os direitos do indivíduo com deficiência (BRASIL, 2015a).

No que se refere às estimativas epidemiológicas, mundialmente, supõe-se haver mais de 70 milhões de indivíduos com autismo, tendo um elevado quantitativo no sexo masculino, estimando-se a proporção de 4 meninos para 1 menina (BRASIL, 2011). Tratando-se do Brasil, há carência de dados estatísticos oficiais sobre a incidência e prevalência do TEA (ROCHA et al., 2019).

### 2.3 ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM AO PACIENTE COM TEA

O diagnóstico precoce é realizado por médicos especialistas habilitados e está associado ao tratamento inicial e a inserção de intervenções que visam a melhora do desenvolvimento funcional, além da redução de condutas peculiares (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012). Assim, para alcançar esses propósitos, são realizados métodos baseados em princípios comportamentais, os quais são: o Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-V), a Classificação dos transtornos mentais

e de comportamento da CID-10 e o Checklist for Autism in Toddlers (APA, 2014; OMS, 1993; ROBINS; FEIN; BARTON, 2009).

A atenção à saúde e a reabilitação para o indivíduo com autismo, devem envolver a ampliação de suas capacidades comunicativas e a inserção social, visando incentivar sua independência. Conforme as diretrizes para o cuidado da pessoa com autismo – sendo elas a integralidade, a garantia de direitos de cidadania e arranjos e dispositivos para o cuidado -, não há um único método a ser executado no atendimento a esses grupos, logo, ele deve ser realizado por uma equipe multiprofissional, considerando as particularidades de cada pessoa (BRASIL, 2015b).

Nesse sentido, a enfermagem torna-se essencial para a assistência ao paciente com TEA, desde o diagnóstico e por todo o tratamento, tendo em vista que o autista geralmente apresenta dificuldades de comunicação, sendo papel do enfermeiro estabelecer uma relação de confiança com o indivíduo e prestar atendimento de acordo com as características e especificidades apresentadas. Além de disponibilizar uma melhora na qualidade de vida dos envolvidos, por meio da educação aos familiares sobre o autismo e elaboração de planos terapêuticos que tenham enfoque na individualidade de cada criança (ANJOS, 2019).

Tendo em vista a inflexibilidade nas rotinas que os pacientes com autismo apresentam, uma vez que atividades ritualizadas os fazem sentir-se em segurança. Logo, quando são assistidos por instituições de saúde, a enfermagem aliada à equipe multidisciplinar deve estar atenta para que a rotina desse indivíduo seja mantida e o vínculo estabelecido, para o bom andamento do tratamento estabelecido (DARTORA et al., 2014).

Sem contar no papel de educativo que a assistência de enfermagem deve ser pautada, a fim de orientar e sensibilizar o paciente com TEA para não praticar condutas de autoagressão, além daquelas relacionadas a higiene pessoal, a expressar afeto pelo toque, desestimular comportamentos repetitivos, estabelecer limites, sempre explicando o porquê, encorajar a socialização, analisar e incentivar a fala. Desse modo, o processo de cuidado de enfermagem envolve práticas que instigam a criança a reconhecer suas capacidades e habilidades, ensinando-os a viver com suas limitações (SANTOS JÚNIOR, 2007).

Observa-se, ainda, que os profissionais de enfermagem enfrentam problemas com a detecção precoce do quadro clínico do TEA, por apresentarem conhecimento limitado sobre o assunto, uma vez que existem lacunas no processo de formação

desse profissional, que não aborda de forma tão específica o cuidado a casos tão específicos e que requerem manejo especializado. Ademais, esses profissionais precisam lidar não só com as necessidades dos pacientes, como também dos familiares, assim, no intuito de não negligenciar ou responsabilizar outras classes profissionais, torna-se imprescindível a preparação e capacitação do enfermeiro diante desse contexto (NASCIMENTO et al., 2018).

Logo, verifica-se a importância de profissionais capacitados e com conhecimento sobre as diferentes patologias que envolvem múltiplos fatores, como é o caso do TEA, visando auxiliar de modo eficiente tanto o paciente quanto os familiares. Contudo, é imprescindível que ocorra o estímulo para a elaboração de novos estudos que abordem técnicas atualizadas, diagnósticos, assistência específica, teorias de enfermagem, etiologia e quadro clínico do autismo, a fim de favorecer o desenvolvimento de novas habilidades que são esperadas dessa equipe (DARTORA et al., 2014).

### 3. MATERIAIS E MÉTODOS

A pesquisa trata-se de uma revisão integrativa da literatura, que consiste na avaliação de estudos relevantes, permitindo a síntese de conhecimentos sobre a temática proposta e facilitando, assim, o destaque de pontos positivos, negativos, avanços e quantificações sobre determinado assunto, sendo necessário perpassar por seis etapas para sua construção (MENDES; SILVEIRA; GALVÃO, 2008).

Logo, as etapas essenciais para a elaboração de uma revisão integrativa, são: I - pergunta norteadora, II - busca na literatura, III - seleção dos dados, IV - avaliação dos estudos incluídos, V - interpretação dos resultados, VI – apresentação da revisão (SOARES et al., 2014).

#### 3.1 IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA

É válido ressaltar que, em diversas situações, a enfermagem não utiliza os métodos disponíveis para o atendimento eficaz ao paciente com TEA, sendo possível observar a ausência de investigação e preenchimentos dos marcos de crescimento e desenvolvimento nas carteirinhas de saúde da criança. Logo, evidencia-se a necessidade de o enfermeiro atuar de forma efetiva neste contexto, tendo em vista que é sua função prestar assistência integral e apoio ao paciente e familiares.

Nesse sentido, a fim de elaborar a questão norteadora do estudo, foi utilizado o acrônimo PICO (STILLWELL et al., 2010), estabelecendo a seguinte estratégia:

**P- população:** Crianças com autismo;

**I – intervenção:** Assistência de Enfermagem e/ou Cuidado de enfermagem;

**C- comparação:** Não se aplica;

**O “outcome”/desfecho/resultado:** Prestação de cuidado de enfermagem integral e holístico, a fim de atender as demandas específicas desse público; Promover medidas de intervenção adequadas; Proporcionar melhora da qualidade de vida do indivíduo.

Logo, a pesquisa norteia-se na seguinte questão: *Como ocorre a assistência de enfermagem a criança com transtorno do espectro autista?*

### 3.2 PESQUISA NA LITERATURA CIENTÍFICA

O método de pesquisa da literatura foi efetuado por dois revisores independentes, o qual ocorreu mediante a busca na plataforma (banco de dados) do Google Acadêmico e nas bases de dados indexadas na BVS (Biblioteca Virtual em Saúde).

Os descritores em saúde elencados para a estratégia de busca, foram interligados pelos operadores *booleanos* “AND” e “OR”, definidos de acordo com o local de busca, sendo na BVS: Criança AND “Transtorno Autístico” OR “Transtorno do Espectro Autista” AND “Cuidados de Enfermagem”. E no Google Acadêmico: Criança AND “Transtorno do Espectro Autista” AND “Cuidados de Enfermagem”. Todos os descritores em saúde foram definidos mediante pesquisa nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS).

Como critérios de inclusão, foram considerados artigos originais publicados na íntegra, com acesso online e de forma gratuita, publicados nas línguas portuguesa e inglesa.

Ao testarmos a estratégia de busca, verificamos que não seria plausível delimitarmos um curto período temporal para publicação dos artigos, optando-se por incluir todas as referências disponíveis a partir de 2010.

Como critérios de exclusão, foram estabelecidos: editoriais, trabalhos pagos, monografias, dissertações, teses, capítulos de livros, revisões da literatura, resenhas, artigos científicos somente com o resumo disponível e estudos duplicados.

### 3.3 CATEGORIZAÇÃO DOS ESTUDOS

Os dados foram coletados nos artigos selecionados, de acordo com os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos, posteriormente, foram utilizados para construir um quadro representativo dos estudos, contendo informações sobre os autores, sobre o ano da publicação, periódico publicado, os objetivos, o método, os resultados, conclusões e limitações/desafios/dificuldades do estudo e estão apresentados na sessão que compete aos resultados deste trabalho.

Os estudos foram categorizados em temáticas para subsidiar a discussão e facilitar o entendimento do assunto, sendo definidas duas categorias: **1- Desafios**

***enfrentados pela enfermagem na condução do TEA, 2- O papel da enfermagem frente ao paciente autista e sua família.***

### 3.4 AVALIAÇÃO DOS ESTUDOS INCLUÍDOS NA REVISÃO INTEGRATIVA

As informações coletadas nos artigos selecionados foram avaliadas de maneira sistemática pelas pesquisadoras a fim de assegurar que os critérios de inclusão e exclusão foram seguidos, assim como os objetivos do estudo respondidos. Desta maneira, através de um quadro contendo as seguintes informações: Ano da publicação e autor, título, base de dados, objetivo, principais resultados obtidos, conclusão e limitações, foi possível interpretar, sintetizar e concluir os dados obtidos

### 3.5 INTERPRETAÇÃO DOS RESULTADOS

A interpretação dos resultados foi determinada pela discussão de todos os resultados obtidos nas pesquisas, desta forma as pesquisadoras realizaram uma comparação com o conhecimento teórico existente, assim como as implicações da Revisão bibliográfica realizada de forma sistematizada e apresentada a seguir.

### 3.6 SÍNTESE DO CONHECIMENTO EVIDENCIADO NOS ARTIGOS ANALISADOS

Apresentamos a seguir o Fluxograma contendo as etapas de seleção para obtenção dos artigos que fazem parte dos resultados e síntese do conhecimento da presente pesquisa, conforme a Figura 1.

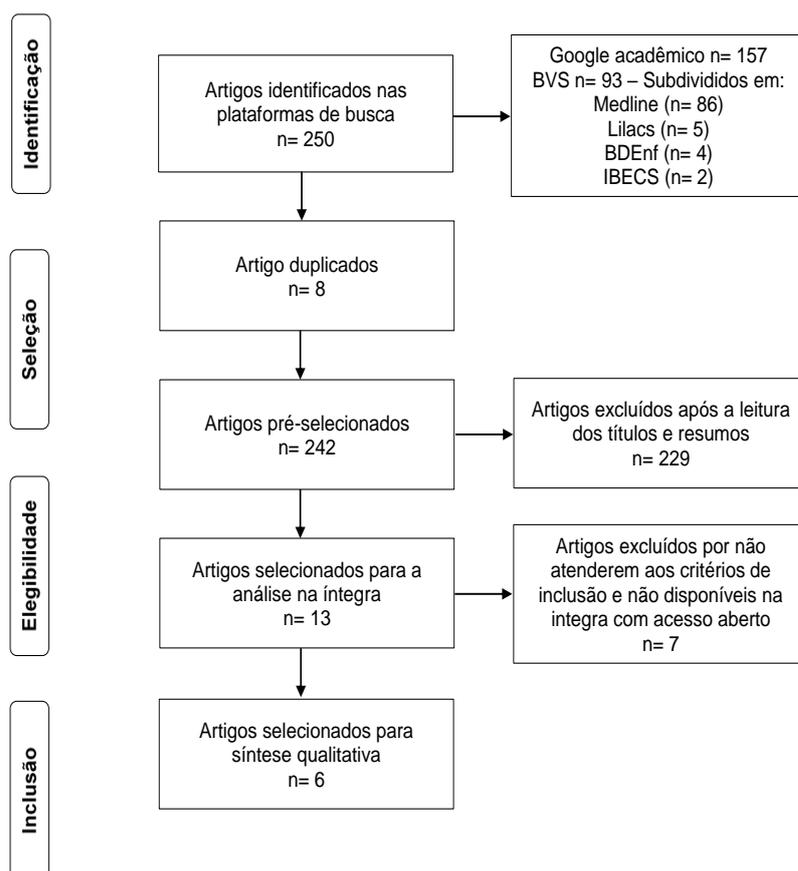


Figura 1 – Fluxograma do processo de seleção.

### 3.7 QUESTÕES ÉTICAS

Por se tratar de pesquisa não envolvendo seres humanos, não há a necessidade de submissão para aprovação do Comitê de Ética em Pesquisa da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CEP/CONEP), de acordo com a Resolução nº 510, de 7 de abril de 2016 do Ministério da Saúde.

#### 4. RESULTADOS

Após a realização dos passos mencionados acima, foi possível constatar 06 estudos que contemplavam os critérios estabelecidos, estes foram publicados entre os anos: 2011 a outubro de 2021. Os principais aspectos de cada estudo estão descritos no Quadro 1:

Quadro 1 – Estudos selecionados para análise:

Nº	Autor(es)	Título	Base de dados	Objetivo do estudo	Principais resultados obtidos	Conclusão do estudo	Limitações do estudo
1	Oliveira, Morais e Franzoi (2019)	Percepções e desafios da equipe de enfermagem frente à hospitalização de crianças com transtornos autísticos	Google acadêmico	Analisar as percepções e os desafios da equipe de enfermagem relacionados à assistência voltada a crianças hospitalizadas com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)	Vivências no cuidado à criança com Transtornos do Espectro do Autismo e desafios para a melhoria da assistência a crianças hospitalizadas com Transtornos do Espectro do Autismo	Os profissionais da equipe de enfermagem sentem-se inseguros e despreparados durante a assistência, devido à incipiência de conhecimento, o que gera uma dependência da família, para mediar o cuidado da criança com transtornos autísticos hospitalizados	Restrição da amostra a uma única equipe de enfermagem da clínica pediátrica de um hospital, o que impede generalizações dos resultados
2	Nascimento et al. (2018)	Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na Estratégia Saúde da Família	Google acadêmico	Identificar a atuação do enfermeiro da ESF na detecção precoce do TEA em crianças	Percepção, estratégias e intervenções do enfermeiro sobre sinais e sintomas; dificuldades relatadas à detecção precoce; construção do conhecimento sobre a	Enfermeiros da Estratégia Saúde da Família apresentaram deficiências na detecção precoce do Transtorno do Espectro Autista em crianças	Pequeno número de entrevistados e, também, o uso de entrevistas semiestruturadas individuais e pontuais, que poderiam ter sido aprofundadas com o recurso de

					temática e sentimentos dos profissionais ao acompanharem crianças com Transtorno do Espectro Autista		algum instrumento de avaliação validado que verificasse o impacto das ações
3	Rodrigues et al. (2017)	Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Social Stories	BVS	Aplicar o processo de enfermagem da teoria do autocuidado, de Dorothea Orem, e utilizar a Social Stories como ferramenta de aprendizagem aliada à teoria do autocuidado pela criança com Transtorno do Espectro Autista	Evolução da criança do sistema parcialmente compensatório para o sistema de apoio-educação, devido ao aumento da capacidade de autocuidado no banho, na escovação dos dentes e na higienização após as eliminações intestinais	A associação da teoria de Orem com a Social Stories apresentou-se como uma estratégia efetiva no estímulo ao autocuidado pela criança	Inexistência de estudos que utilizem a teoria de autocuidado com a Social Stories aplicada à criança com TEA, o que dificulta uma análise comparativa, e por se tratar de um caso único que exige a ampliação da amostra.
4	Silva et al. (2016)	O fazer do enfermeiro na assistência à criança autista: uma pesquisa-ação	BVS	Analisar o papel do enfermeiro, do Centro de Atenção Psicossocial infantil juvenil do município de Imperatriz - MA, no diagnóstico e tratamento do autismo	Conhecimento do enfermeiro; papel do enfermeiro; importância do cuidado de enfermagem à criança autista	O desenvolvimento da pesquisa – ação contribuiu para incentivar adoção de uma assistência de enfermagem mais sistematizada	Não se aplica
5	Sudré et al. (2011)	Assistência de enfermagem a crianças com Transtorno Global do	BVS	Apresentar as atividades elaboradas e desenvolvidas pelos membros da equipe de	Com a participação do enfermeiro para compor a equipe de	Foi possível identificar a necessidade e de ensinar passo a passo uma nova	Não se aplica

		Desenvolvimento (TGD): autismo		Enfermagem no Hospital Dia Infantil do Centro de Atenção Integrada à Saúde Mental (CAISM) da Irmandade da Santa Casa de Misericórdia de São Paulo	Hospital Dia, as atividades que ficaram evidentes eram as que visavam facilitar alguma autonomia para estas crianças, ou seja, as atividades de vida diária	habilidade para a criança, facilitando assim a sua compreensão	
6	Lima et al. (2021)	Transtorno do espectro autista e habilidades envolvidas no brincar: concepção de uma equipe multidisciplinar	BVS	Identificar quais os métodos ou procedimentos utilizados pelos profissionais nos atendimentos para desenvolver e potencializar as habilidades da criança autista através do brincar funcional	Verifica-se o conhecimento superficial dos profissionais acerca da importância do brincar funcional no atendimento de crianças com TEA. Sobre o papel da equipe de enfermagem, destaca-se a criação de estratégias para o paciente, encaminhamento a atenção especializada.	Enfatiza-se a importância do brincar no processo terapêutico e o conhecimento destes métodos pelos profissionais como ferramenta para aquisição de habilidades	Não se aplica

Os estudos elencados são do período 2011 a 2021, não havendo um destaque entre os anos, sendo 2011 (n= 1, 16,7%), 2016 (n= 1, 16,7%), 2017 (n= 1, 16,7%), 2018 (n= 1, 16,7%), 2019 (n= 1, 16,7%), 2021 (n= 1, 16,7%). Com relação ao banco de dados, destaca-se a BVS com 66,7% (n= 4) e o Google Acadêmico com 33,3% (n= 2).

Quanto aos principais assuntos abordados, destaca-se: Ações realizadas pelos profissionais de enfermagem para o manejo do paciente autista (n= 3, 50,0%); Deficiências e desafios apresentados pela enfermagem na assistência ao TEA (n= 3, 50,0%). Os assuntos que emergiram dos artigos analisados servirão de base para a discussão por meio das categorias propostas.

## 5. DISCUSSÃO

A concepção do conhecimento deve ser realizada por meio da junção e compilado de informações. Assim, as bibliografias são ferramentas indispensáveis para responder problemáticas levantadas pelas comunidades (SOUZA; SILVA; CARVALHO, 2010). Logo, os artigos incluídos estão em conformidade com os critérios propostos, o que permitiu a criação de 2 categorias: **1- Desafios enfrentados pela enfermagem na condução do TEA, 2- O papel da enfermagem frente ao paciente autista e sua família.**

### 5.1 DESAFIOS ENFRENTADOS PELA ENFERMAGEM NA CONDUÇÃO DO TEA:

As etapas metodológicas permitiram identificar desafios e problemáticas enfrentadas pela equipe de enfermagem no manejo do paciente autista, sendo tais fatores verificados nos estudos de Oliveira, Morais e Franzoi (2019).

Na pesquisa de Oliveira, Morais e Franzoi (2019), os principais sinais apontados pelos profissionais de enfermagem no cuidado à criança autista referem-se as alterações no padrão de condutas, movimentos repetitivos, danos na aprendizagem, socialização e ecolalia. Com relação a origem do TEA, foi destacado as origens neurológicas, afetivas ou genéticas, porém é possível reconhecer os sinais apenas a partir de uma determinada idade para ser efetuado o diagnóstico.

De forma semelhante, o estudo de Nascimento et al. (2018) revela que os principais sinais apresentados por crianças com TEA, na consulta de enfermagem, foram movimentos repetitivos, dificuldades de interação, comportamentos diferentes e agressivos, isolamento e dificuldades no sono e na amamentação. Em contrapartida, destacou-se a possibilidade de apresentarem bom desempenho na vida escolar, quando estimuladas e quando o diagnóstico é realizado precocemente.

Ainda convém lembrar que Oliveira, Morais e Franzoi (2019) expõe que boa parte dos profissionais da equipe de enfermagem sentem-se impotentes e despreparados para atuar na assistência às crianças com TEA devido a carência de conhecimentos (pela fragilidade na formação acadêmica); falta de experiências com essa população (sendo prestado um melhor cuidado aos pacientes neurotípicos pelo maior contato); impotência (pela necessidade de delegar os cuidados à família,

sobretudo à mãe); reduzido dimensionamento de profissional; além da dificuldade de diferenciar doenças agudas do transtorno permanente e do manejo em casos de comportamentos agressivos.

Em consonância aos dados anteriores, Nascimento et al. (2018) descreve que os membros da equipe de enfermagem sentem-se frustrados, com pouco conhecimento sobre o assunto, confusos, inseguros e incapazes de lidar com pacientes autistas, além da presença do estigma social. Isso se deve as dificuldades de detectar os sinais e sintomas do TEA, a falta de capacitação dos profissionais, o pensamento de que a identificação do autismo não é responsabilidade do enfermeiro, a carência de protocolos sobre a referência e contrarreferência, negação do quadro clínico por parte da família, não preenchimento da caderneta da criança e ausência de informações sobre os serviços do CAPS i (Centro de Atenção Psicossocial Infanto-juvenil).

Em complemento a essas informações, a pesquisa de Lima et al. (2021) revela que os profissionais apresentam pouco entendimento a respeito do brincar funcional, de escolher brinquedos/brincadeiras ou outros recursos metodológicos e os requisitos básicos para brincar, a fim de trabalhar em crianças com TEA e facilitar seu desenvolvimento, todavia com relação a sua importância para esse público foi citado que é uma forma de aprendizagem e desenvolvimento de habilidades.

Nesse sentido, recomenda-se a realização de capacitações dos profissionais, a construção de espaços para educação continuada em relação a assistência às crianças com TEA, atendimentos em serviços especializados para autistas, atentar para a preservação da rotina dessa criança e abdicar de preconceitos, estigmas e crenças (OLIVEIRA; MORAIS; FRANZOI 2019).

É ressaltado ainda a construção de conhecimento sobre o TEA, por meio de mídias televisivas, internet, compartilhamento de experiências entre profissionais e o manuseio adequado da caderneta da criança e cartilhas (NASCIMENTO et al., 2018).

Diante das informações apresentadas, o diagnóstico e o tratamento do TEA deve ocorrer de forma multidisciplinar. Assim, a relação entre o enfermeiro, o paciente autista e seus familiares torna-se imprescindível, tendo em vista que este profissional dispõe de mais tempo em contato com esses indivíduos, em detrimento de outros profissionais, além de disponibilizar uma melhora na qualidade de vida do paciente, com organização e inserção desse indivíduo na sociedade (SENA et al., 2015).

## 5.2 O PAPEL DA ENFERMAGEM FRENTE AO PACIENTE AUTISTA E SUA FAMÍLIA

Através da realização da pesquisa, observou-se na literatura artigos sobre o papel da equipe de enfermagem com o paciente autista, sua família e de forma multidisciplinar. Esses dados são expressos nos estudos de Silva et al. (2016), Sudré et al. (2011) e Rodrigues et al. (2017) (Quadro 1).

No estudo de Silva et al. (2016), boa parte os enfermeiros participantes apresentam um conhecimento mínimo sobre a definição de autismo, diferente da etiologia, a qual é desconhecida e seu diagnóstico é realizado por meio dos sinais e sintomas. Quanto ao papel da enfermagem no cuidado à criança autista, destaca-se: a facilitação da autonomia; o acompanhamento das medicações, exames laboratoriais e do desenvolvimento; orientação dos pacientes e responsáveis a respeito do autismo, sendo imprescindível a inserção da família na assistência prestada para a evolução e introdução do autista na sociedade; encaminhamento para atenção especializada.

Além disso, a enfermagem contribui com a atuação na equipe multiprofissional e junto a família para a melhora do quadro clínico do autista, através das hipóteses diagnósticas precoces e participação da escolha terapêutica adequada; além de observar, analisar e prestar assistência às situações consequentes do TEA (cuidado de quedas, lesões, entre outros) (SILVA et al., 2016).

Tais informações corroboram com a pesquisa de Sudré et al. (2011), a qual revela que o enfermeiro atua junto a equipe multidisciplinar na triagem de crianças com suspeita de TEA; realiza a consulta de enfermagem, observação do comportamento e elaboração do plano de assistência; efetua a orientação e supervisão dos técnicos de enfermagem; conduz atividades mais intensivas para o desenvolvimento das habilidades da criança com TEA, como o: Tratamento e Educação Para Autistas e Crianças com Déficits Relacionados à Comunicação (TEACCH), Análise Aplicada do Comportamento (ABA), Guia Curricular para o Ensino de Habilidades Básicas e Sistema de Comunicação Através da Troca de Figuras (PECS); realiza orientações nas escolas, visitas domiciliares e atendimento aos familiares.

Em consonância aos estudos anteriores, no artigo de Rodrigues et al. (2017), os enfermeiros executaram, em uma criança com Síndrome de Asperger, a Teoria de Enfermagem do autocuidado de Dorothea Orem (1991), junto a técnica *Social Stories*

(a qual apresenta uma pequena história, elaborada na primeira pessoa do singular, com imagens que evidenciam uma situação social, habilidade ou um fato por meio de sinais expressivos e de respostas sociais satisfatórias) (GRAY, 1991). Sendo perceptível que o paciente apresentou uma evolução, passando do sistema parcialmente compensatório (o qual executava o autocuidado com auxílio da mãe), para o sistema apoio-educação (maior independência para realizar o autocuidado), em atividades como: banhar, higienizar os dentes e limpar-se após a eliminação intestinal.

Logo, percebe-se que a equipe de enfermagem possui o papel de atuar positivamente no acompanhamento da criança durante a consulta, não se limitando a avaliação do crescimento e desenvolvimento, mas sim no contexto de integralidade do cuidado e acolhimento, a enfermagem deve ser capaz de agir de modo eficaz com o paciente, família e comunidade (MAGALHÃES et al., 2020).

## 6. CONCLUSÃO

A pesquisa permitiu identificar a presença de desafios e dificuldades enfrentadas pela equipe de enfermagem no manejo ao paciente com autismo, em decorrência do despreparo, falta de capacitação, preconceito, carência de políticas públicas, desconhecimento acerca do espectro autista e de métodos adequados para sua terapêutica.

Observou-se, também, que dentre as funções do enfermeiro no atendimento ao TEA, destacam-se a promoção da independência e autonomia, acompanhamento do tratamento, criação de estratégias para melhorar as alterações no quadro clínico, atuação multiprofissional, orientações ao paciente, familiares e sociedade.

Conclui-se que a questão norteadora dessa revisão integrativa da literatura, foi parcialmente respondida, tendo em vista a pequena quantidade de estudos publicados sobre a temática e, em especial, enfatizando a assistência prestada pelo enfermeiro.

Acredita-se que este estudo possa apoiar a construção de outras pesquisas e gerar uma visão mais ampla e atenta sobre as informações apresentadas. Espera-se, ainda, que os dados expostos no estudo sirvam de alicerce para melhoria na assistência aos pacientes com TEA e contribua com orientações sobre o manejo do paciente autista para os discentes que se encontram no processo de graduação.



## REFERÊNCIAS

APA. American Psychiatric Association. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais: DSM-5**. 5. ed. Porto Alegre: Artmed, 2014. Disponível em: <http://www.niip.com.br/wp-content/uploads/2018/06/Manual-Diagnostic-e-Estatistico-de-Transtornos-Mentais-DSM-5-1-pdf.pdf>. Acesso em: 16 ago. 2021.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. **Diretrizes de Atenção à Reabilitação da Pessoa com Transtornos do Espectro do Autismo (TEA)**. Brasília: Ministério da Saúde, 2014.

\_\_\_\_\_. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Básica. Resolução CNE/CEB nº 2, de 11 de setembro de 2001. **Diário Oficial da União**, Brasília, Seção 1E, p. 39-40, 14 de setembro de 2001. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/CEB0201.pdf>. Acesso em: 21 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 12.764, de 27 de dezembro de 2012. Institui a Política Nacional de Proteção dos Direitos da Pessoa com Transtorno do Espectro Autista; e altera o § 3º do art. 98 da Lei nº 8.112, de 11 de dezembro de 1990. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/l12764.htm). Acesso em: 05 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l9394.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l9394.htm). Acesso em: 12 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Secretaria-Geral. Subchefia para Assuntos Jurídicos. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015a. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Brasília, DF. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2015/lei/l13146.htm). Acesso em: 08 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. 2 de abril: Dia Mundial de Conscientização do Autismo. **Ministério da Saúde**, Brasília, 1 abr. 2011. Disponível em: [http://conselho.saude.gov.br/ultimas\\_noticias/2011/01\\_abr\\_autismo.html](http://conselho.saude.gov.br/ultimas_noticias/2011/01_abr_autismo.html). Acesso em: 01 set. 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Especializada e Temática. **Linha de cuidado para a atenção às pessoas com transtornos do espectro do autismo e suas famílias na Rede de Atenção Psicossocial do Sistema Único de Saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2015. 156 p.

\_\_\_\_\_. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei nº 12.853, de 14 de agosto de 2013**. Altera os arts. 5º, 68, 97, 98, 99 e 100, acrescenta arts. 98-A, 98-B, 98-C, 99-A, 99-B, 100-A, 100-B e 109-A e revoga o art. 94 da Lei nº 9.610, de 19 de fevereiro de 1998, para dispor sobre a gestão coletiva de direitos autorais, e dá outras providências. Brasília, DF, 15 ago. 2013. Disponível em:

<https://legislacao.presidencia.gov.br/atos/?tipo=LEI&numero=12853&ano=2013&ato=1c4ETWU50MVpWT928>. Acesso em: 12 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. Grupo de trabalho da política nacional de educação especial. Equipe da Secretaria de Educação Especial. Política nacional de educação especial na perspectiva da educação inclusiva. **Ministério da Educação**, Brasília, 07 jan. 2008. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducespecial.pdf>. Acesso em: 16 jun. 2021.

\_\_\_\_\_. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. **Resolução nº 466, de 12 de dezembro de 2012**. O Plenário do Conselho Nacional de Saúde em sua 240ª Reunião Ordinária, realizada nos dias 11 e 12 de dezembro de 2012, no uso de suas competências regimentais e atribuições conferidas pela Lei nº 8.080, de 19 de setembro de 1990, e pela Lei nº 8.142, de 28 de dezembro de 1990. Brasília, DF, 12 dez. 2012. Disponível em:

[https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466\\_12\\_12\\_2012.html](https://bvsms.saude.gov.br/bvs/saudelegis/cns/2013/res0466_12_12_2012.html). Acesso em: 01 out. 2021.

CAMARGOS JUNIOR, W. et al. **Transtornos Invasivos do Desenvolvimento: 3º Milênio**. Brasília: Presidência da República, Secretaria Especial dos Direitos Humanos, Coordenadoria Nacional para Integração da Pessoa Portadora de

CHRISTENSEN, D. L. et al. Prevalence of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2016. **Surveill Summ**, v. 69, n. 4, p.1–12, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/69/ss/ss6904a1.htm>. Acesso em: 16 jun. 2021.

DARTORA, D. D. et al. A equipe de enfermagem e as crianças autistas. **Journal of Nursing and Health**, v. 4, n. 1, p. 27-38, 2014. Disponível em:

<https://www.fcee.sc.gov.br/informacoes/biblioteca-virtual/educacao-especial/cevi/241-transtornos-invasivos-do-desenvolvimento-3-milenio/file>. Acesso em: 09 jun. 2021.

FRANZOI, M. A. H. et al. Intervenção musical como estratégia de cuidado de enfermagem a crianças com transtorno do espectro do autismo em um centro de atenção psicossocial. **Texto Contexto Enferm.**, v. 25, n. 1, e1020015, 2016. Disponível em:

<https://www.scielo.br/j/tce/a/XYSRFmZdj4CKVpyfv87QcHn/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 21 ago. 2021.

GADIA, C.; TUCHMA, R.; ROTTA, N. T. Autismo e doenças invasivas do desenvolvimento. **J pediatr (Rio J)**, v. 80, supl. 2, p. 83-94, 2004. Disponível em: <http://www.jped.com.br/conteudo/04-80-S83/port.pdf>. Acesso em: 02 set. 2021.

GARCIA, P. M.; MOSQUERA, C. F. F. Causas neurológicas do autismo. **O Mosaico**, n. 5, p. 106-122, 2011. Disponível em: <http://periodicos.unespar.edu.br/index.php/mosaico/article/view/19/pdf>. Acesso em: 27 ago. 2021.

GRAY, C. Social Stories and comic strip conversations with students with Asperger syndrome and high-functioning autism. In: SCHOPLER, E.; MESIBOV, G.; KUNCE, L. J. **Asperger syndrome and high-functioning autism?** New York, EUA: Plenum Press, 1998. p. 167-172

LIMA, M. S. et al. Transtorno do espectro autista e habilidades envolvidas no brincar: concepção de uma equipe multidisciplinar. **REAS**, v.13, n. 7, 2021.

MAENNER, M. J. et al. Prevalence of Autism Spectrum Disorder Among Children Aged 8 Years — Autism and Developmental Disabilities Monitoring Network, 11 Sites, United States, 2016. **Surveillance Summaries**, v. 69, n. 4, p. 1–12, 27 mar. 2020. Disponível em: <https://www.cdc.gov/mmwr/volumes/69/ss/ss6904a1.htm>. Acesso em: 10 set. 2021.

MAGALHÃES, J. M. et al. Assistência de enfermagem à criança autista: revisão integrativa. **Enfermería global**, n. 58, abr. 2020. Disponível em: [https://scielo.isciii.es/pdf/eg/v19n58/pt\\_1695-6141-eg-19-58-531.pdf](https://scielo.isciii.es/pdf/eg/v19n58/pt_1695-6141-eg-19-58-531.pdf). Acesso em: 18 nov. 2021.

MENDES, K. D. S.; SILVEIRA, R. C. C. P.; GALVÃO, C. M. G. Revisão integrativa: método de pesquisa para a incorporação de evidências na saúde e na enfermagem. **Texto contexto - enferm.**, v. 17, n. 4, p. 758-64, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/pdf/tce/v17n4/18.pdf>. Acesso em: 08 jun. 2021.

MONTEIRO, C. F. S. et al. Vivências maternas na realidade de ter um filho autista: uma compreensão pela enfermagem. **Rev. Bras. Enferm.**, v. 61, n. 3, p. 330-335, 2008. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/XRr99TTQVT4JtGW6hSJNNXx/?lang=pt&format=pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

NASCIMENTO, Y. C. M. L. et al. Transtorno do espectro autista: detecção precoce pelo enfermeiro na estratégia saúde da família. **Revista Baiana de Enfermagem**, [S.l.], v. 32, p.1-12, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/25425>. Acesso em: 09 jun. 2021.

NEUMÄRKER, K. J. Leo Kanner: hisyears in Berlin, 1906-24: the roots of autistic disorder. *History of Psychiatry*, [S.l.], v. 14, n. 2, p. 205-218, 2003. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/14518490/>. Acesso em: 13 jun. 2021.

OLIVEIRA, A. C. A.; MORAIS, R. C. M.; FRANZOI, M. A. H. Percepções e desafios da equipe de enfermagem frente à hospitalização de crianças com transtornos autísticos. **Revista Baiana De Enfermagem**, v. 33, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/enfermagem/article/view/28300>. Acesso em: 19

nov. 2021.

OLIVEIRA, B. D. C. et al. Políticas para o autismo no Brasil: entre a atenção psicossocial e a reabilitação. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 3, p. 707-726, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/physis/a/BnZ6sVKbWM8j55qnQWskNmd/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 13 jun. 2021.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **CID-10 - Classificação de Transtornos Mentais e de Comportamento da CID-10**: Descrições Clínicas e Diretrizes Diagnósticas. Porto Alegre: Artes Médicas, 1993.

OREM, D. E. **Nursing**: Concepts of practice. St. Louis, EUA: Mosby; 1991. 385 p.

ROBINS, D.; FEIN, D.; BARTON, M. Modified Checklist for Autism in Toddlers, Revised with Follow-Up (M-CHAT-R/F). **CPQCC**, 2009. Disponível em: [https://www.cpqcc.org/sites/default/files/M-CHAT-R\\_F\\_1.pdf](https://www.cpqcc.org/sites/default/files/M-CHAT-R_F_1.pdf). Acesso em: 13 jun. 2021.

ROCHA, C. C. et al. O perfil da população infantil com suspeita de diagnóstico de transtorno do espectro autista atendida por um Centro Especializado em Reabilitação de uma cidade do Sul do Brasil. **Physis**, v. 29, n. 4, 25 nov. 2019. Disponível em: <https://scielosp.org/article/physis/2019.v29n4/e290412/pt/>. Acesso em: 11 set. 2021.

RODRIGUES, P. M. S. et al. Autocuidado da criança com espectro autista por meio das Social Stories. **Esc. Anna Nery Rev. Enferm.**, v. 21, n. 1, e20170022, 2017. Disponível em: <https://pesquisa.bvsalud.org/porta1/resource/pt/biblio-840452>. Acesso em: 11 nov. 2021.

SANTOS JÚNIOR, W. C. **O autismo infantil e a enfermagem**: uma revisão bibliográfica. 2007. Monografia (Graduação em Enfermagem) - Faculdade de Ciências da Saúde, Brasília, 2007. Disponível em: <https://repositorio.uniceub.br/jspui/bitstream/123456789/2557/2/20324985.pdf>. Acesso em: 05 set. 2021.

SENA, R. C. F. et al. Prática e conhecimento dos enfermeiros sobre o autismo infantil. **Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online**, v. 7, n. 3, p. 2707-2716, 2015. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/5057/505750947007.pdf>. Acesso em: 02 out. 2021.

SILVA, A. A. et al. O fazer do enfermeiro na assistência à criança autista: uma pesquisa-ação. **Paraninfo Digital**, ano 10, n. 25, 2016.

SILVA, A. B. B.; GAIATO, M. B.; REVELES, L. T. **Mundo singular**: entenda o autismo. Rio de Janeiro: Objetiva, 2012.

SILVA, S. H. G. M. et al. A assistência de enfermagem diante de pacientes com Transtorno do Espectro Autista (TEA): uma revisão da literatura. **Scire Salutis**, v.11, n.1, p.36-45, 2021. Disponível em:

<https://sustenere.co/index.php/sciresalutis/article/view/CBPC2236-9600.2021.001.0004/2426>. Acesso em: 02 jun. 2021.

SOARES, C. B. et al. Revisão integrativa: conceitos e métodos utilizados na enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 48, n. 2, p. 335-345, 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reeusp/a/3ZZqKB9pVhmMtCnsvVW5Zhc/?lang=pt>. Acesso em: 06 out. 2021.

SOUZA, M. T.; SILVA, M. D.; CARVALHO, R. Revisão integrativa: o que é e como fazer. **Einstein (São Paulo)**, v. 8, n. 1, jan./mar. 2010. Disponível em: [https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1679-45082010000100102&script=sci\\_arttext&tlng=pt](https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1679-45082010000100102&script=sci_arttext&tlng=pt). Acesso em: 10 jun. 2021.

STILLWELL, S. B. et al. Searching for the Evidence. **AJN**, v. 110, n. 5, maio 2010. Disponível em: [http://download.lww.com/wolterskluwer\\_vitalstream\\_com/PermaLink/NCNJ/A/NCNJ\\_546\\_156\\_2010\\_08\\_23\\_SADFJO\\_165\\_SDC216.pdf](http://download.lww.com/wolterskluwer_vitalstream_com/PermaLink/NCNJ/A/NCNJ_546_156_2010_08_23_SADFJO_165_SDC216.pdf). Acesso em: 11 set. 2021.

SUDRÉ, R. C. R. et al. Assistência de enfermagem a crianças com Transtorno Global do Desenvolvimento (TGD): autismo. **Arq Med Hosp Fac Cienc Med Santa Casa**, São Paulo, v. 56, n. 2, p. 102-6, 2011.

TABAQUIM, M. L. M. et al. Autoeficácia de cuidadores de crianças com o transtorno do espectro autista. **Rev. psicopedag.**, v. 32, n. 99, p. 285-292, 2015. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-84862015000300002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-84862015000300002). Acessado em: 15 ago. 2021.

VARGAS, R. M.; SCHMIDT, C. Autismo e esquizofrenia: compreendendo diferentes condições. **UFSM**, 2019. Disponível em: <https://www.ufsm.br/app/uploads/sites/373/2019/02/Rosanita-Moschini-Vargas.pdf>. Acessado em: 22 nov. 2021.

VILANOVA, J. M. et al. Atenção a criança no espectro do autismo: Conexões com as Políticas Públicas e com o Cuidado de Enfermagem. In: **Congresso Brasileiro dos Conselhos de Enfermagem**, 19, 2016. Cuiabá. Anais do 16º CBCENF. Curitiba: COFEN, p. 1-18, 2016.

## ANEXO A – CARTA DE ACEITE DO ORIENTADOR



FACULDADE DE TEOLOGIA, FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS GAMALIEL – FATEFIG  
CENTRO EDUCACIONAL E CULTURAL DA AMAZÔNIA - CECAM  
CURSO DE BACHARELADO EM ENFERMAGEM

### CARTA DE ACEITE DO ORIENTADOR

Eu, BRUNA PAIVA DO CARMO MERCEDES, professor (a) do Curso de Bacharelado em Enfermagem da Faculdade Gamaliel, informo que aceito orientar o trabalho intitulado: **A ASSISTÊNCIA DE ENFERMAGEM PRESTADA A CRIANÇA COM AUTISMO: REVISÃO INTEGRATIVA**, de autoria dos alunos **BEATRIZ FERREIRA DA SILVA E LISANDRA VIANA PINTO**, matrículas **nº 2017000335; nº 2017000348**, auxiliando na condução do planejamento e desenvolvimento de seu Trabalho de Conclusão de Curso.

Declaro ter total conhecimento das normas de realização de trabalhos científicos vigentes, segundo a Comissão Nacional de Ética em Pesquisa - CONEP. Declaro, ainda, ter conhecimento do conteúdo do anteprojeto ora entregue.

Tucuruí, 02 de agosto de 2021.

Professor Orientador